

31 DEZ 1983

Sem apoio de Figueiredo é impossível, diz Sarney

SÃO LUIS — O Presidente do PDS, Senador José Sarney, disse ontem que o Presidente Figueiredo, ao devolver ao partido a incumbência de coordenar a escolha de seu sucessor, não quis comprometer a sua autoridade em face das disputas internas dentro do PDS.

— Ele deixou a coordenação — ponderou —, mas não deixou de ser membro do PDS nem o seu Presidente de Honra. O seu gesto foi uma demonstração de prestígio e confiança para com o partido.

Eis a entrevista:

— Senador, como vai ficar agora a sucessão presidencial, sob a coordenação do PDS?

— O partido vai convocar a Comissão Executiva para que ela trace as diretrizes e a conduta que devemos seguir para conduzir o processo sucessório, já que é o partido que irá coordená-lo.

— O que o senhor acha que poderá mudar agora?

— Quando o partido deu ao Presidente a oportunidade de coordenar a escolha de seu sucessor, o fez num gesto de absoluta confiança, consideração e deferência, com a melhor das intenções, uma vez que o Presidente Figueiredo, pela sua posição diante do projeto de abertura, queria participar do processo, como tem participado. Ele é o Presidente de Honra do partido e seria ele o nosso elo de unidade. Agora, não querendo comprometer nem sua autoridade nem sua isenção, em razão das disputas internas dentro do partido, devolveu ao PDS aquela delegação que lhe tinha sido entregue. Mas isso não significa que o Presidente esteja se desvinculando do processo sucessório, nem representa também nenhum desagravo ao partido. Agora vamos procurar encaminhar o assunto e, naturalmente, contar com o seu apoio pelo aconselhamento, uma vez que seria uma tarefa impossível se tentássemos estabelecer esse processo de escolha sem o respaldo e a ajuda do Presidente Figueiredo.

— O senhor acha, então, que ele estava em dificuldades para conduzir o processo da sucessão?

— Não. Mas a sua condição de Presidente da República... Em face das disputas internas, ele não podia nem tomar partido, nem tampouco denegou que o processo transitasse dentro do PDS. Aliás, ele sempre disse que coordenaria com o partido, desde o princípio.

— O Ministro Mário Andreazza, um dos presidenciáveis, divulgou nota surgindo ao partido que devolvesse ao Presidente Figueiredo o processo de escolha do seu sucessor. O senhor acha que isso é possível, nas atuais circunstâncias?

— A delegação ao Presidente foi feita pelo Diretório Nacional. Ontem (anteontem), estive longamente com o Presidente Figueiredo e achei que sua decisão foi uma decisão pessoal, amadurecida. Mas, evidentemente, só o Diretório Nacional poderia tomar uma decisão no sentido de reiterar ao Presidente apelo para que ele volte a coordenar o processo de sucessão.

— Caso haja mais de um candidato do PDS disputando até o final, como é que fica a situação? O senhor não acha que haverá mais dificuldades?

— Acho que nós vamos obter um candidato do consenso e vamos fazer o Presidente da República. O consenso que iremos buscar é o consenso dentro do PDS.

— Como Presidente do partido, o senhor já tem idéia de como será conduzida a escolha do futuro Presidente, já que nessa condição o senhor será, sem dúvida, o coordenador?

— Como presidente do partido, irei ouvir a Comissão Executiva para que nós tomemos a decisão de como encaminhar o assunto.

— Já existe alguma coisa nesse sentido?

— Não, porque fomos surpreendidos. Não esperávamos que o Presidente tomasse ontem essa posição. Temos que ouvir agora, o par-

tido. Fazer amadurecer qualquer decisão antes de definir a conduta que o partido deverá adotar no encaminhamento da sucessão. Uma coisa é certa: nós não poderemos encaminhar o processo sem o apoio decisivo do Presidente Figueiredo. Ele deixou a coordenação mas não deixa de ser membro do PDS, nem de ser o seu Presidente de Honra e de ter o interesse e o prestígio que tem dado ao partido. No fundo, esse gesto seu é uma demonstração de prestígio e confiança para com o partido.

— O senhor, que estava em São Luís passando o recesso de fim de ano, foi chamado a Brasília para tomar conhecimento da decisão do Presidente Figueiredo?

— Fui convocado e recebi do Presidente a comunicação, pois com ele estive longamente, tratando desses assuntos de natureza política, e no fundo era uma deferência que ele fazia a mim antes de tornar pública sua decisão, anunciada logo em seguida.

— Como é que o senhor encara o surgimento de mais de uma candidatura disposta a ir à Convenção?

— Acho que já temos a resposta pelos próprios fatos que estamos vendo com esses candidatos lançados, cujo estuário natural é a Convenção.

— Essa constatação não poderá aprofundar ainda mais as divergências dentro do PDS?

— O nosso trabalho será exatamente no sentido de unir o partido e fazer com que as divergências se processem dentro dessa unidade.

— A luta maior será para conseguir o candidato do consenso?

— O nosso candidato será o candidato do consenso, sem dúvida, e esse será o grande trabalho que temos de realizar.

— O senhor já tem data definida para convocar a reunião da Comissão Executiva?

— Possivelmente no final da próxima semana. Quinta ou sexta-feira, depois que entrarmos em contato com todos os membros.